

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA  
CLEBER SILVANO SCHAUSS

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA RELAÇÃO DA CRIANÇA  
CAMPESINA COM SEU ANTEPASSADO VIVO E A HISTÓRIA DE  
SEU POVO ANCESTRAL.

PATO BRANCO  
ABRIL DE 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA  
CLEBER SILVANO SCHAUSS

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA RELAÇÃO DA CRIANÇA  
CAMPESINA COM SEU ANTEPASSADO VIVO E A HISTÓRIA DE  
SEU POVO ANCESTRAL.

Trabalho apresentado como requisito de avaliação  
final do curso de especialização em educação no  
campo, sob orientação da Prof. Dr. Ana Josefina  
Ferrari.

PATO BRANCO  
ABRIL DE 2014

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA RELAÇÃO DA CRIANÇA CAMPESINA COM SEU ANTEPASSADO VIVO E A HISTÓRIA DE SEU POVO ANCESTRAL.

Cleber Silvano Schauss<sup>1</sup>

Universidade Federal Do Paraná

## RESUMO

A realidade campesina atual encontra-se perdendo sua essência e característica de preservação da tradição e cultura antepassada. Em Walter Benjamin vê-se uma alternativa para reedificar a consistência cultural campesina com a volta à narrativa, à contação de histórias dos antepassados para os jovens, um repasse de saberes, e identificação da criança em seu antepassado.

**Palavras Chave:** Narrativa, História, Antepassado, Criança, Educação, Campo.

A atividade educacional apresenta-se como um desafio a ser enfrentado, travado, desvendado e esclarecido por meio daquilo que lhe é próprio: o estudo. Estudar consiste de fato em buscar a solução e compreensão daquilo que vivencia-se, e no caso presente, estudar significa buscar compreender uma faceta da educação no campo.

Considerando que o desenvolvimento social deve em sua essência à entidade campesina suas raízes, propõem-se agora pensar a educação considerando um aspecto particular campesino, a saber: a contação de histórias na relação da criança campesina com seu antepassado vivo e a história de seu povo ancestral.

Pensando na realidade campesina e na condição presente nas escolas e sociedade atual, depara-se com uma vivência social permeada pela velocidade, em todos os sentidos não importando a relação em que se esteja a velocidade é marca fundamental na atitude humana. Cada atividade cotidiana é inculcada pela necessidade de ser rápido, eficaz ou não tanto eficaz, mas, aparentemente veloz dando a impressão de eficiente.

Ao levantar-se de manhã o indivíduo encontra seu relógio planejado para acordá-lo no último minuto possível, dessa forma aproveitaria mais seu tempo, dormido e acordado. Essa necessidade de fazer-se veloz que encontra-se hoje nas crianças que por muitas vezes são incapazes de prender-se à uma agradável leitura,

---

<sup>1</sup> Filósofo-UFSC, Mestrando em Ciências de la Educación-UPAP-PY

precisa ser compreendida, estudada exaustivamente para que se possa saber lidar com essa nova faceta comportamental da criança campesina, que no passado caracterizava-se por sua serenidade e hoje apresenta-se correndo em direção de não se sabe o que.

A naturalidade campesina vem se perdendo ao longo dos dias, e essa peculiaridade que conferia ao camponês sua essência, logo estará extinta da relação humana. Cabe agora ao estudioso da educação compreender o que se está perdendo na corrida da tecnologia e evolução, para saber compensar tal perda com a elevação dos valores adequados à volta do orgulho de ser campesino.

A cultura campesina atual encontra-se num ambiente de perda de suas essências em sua raiz tradicionalista, o distanciamento entre as pessoas afronta a complacência que sempre foi tão própria da existência campesina, a criança não mais está interessada em escutar as histórias que os velhos tem para contar.

No final do dia nossos antepassados reuniam-se para compartilhar suas experiências diurnas, os mais jovens escutavam atentos os aprendizados do dia-a-dia que partilhavam-se diante da fogueira à espera da refeição noturna. Esse momento de confraternização e partilha de saberes (sabedorias e não apenas informações) sempre foi o cerne do código moral campesino, oferecendo à tal povo o título de integro, puro, e simples. Contudo tal código moral que nasce na relação narrativa está se perdendo.

Os alunos em sala de aula estão perdendo a característica campesina sempre buscando tornar-se diferentes de seu povo. É preciso que essa tradição de narrativas volte a ser pensada no seio familiar campesino para que a valorização desse povo seja real, e a autovalorização revitalize-se na cultura interiorana.

Deve-se estudar a possibilidade de voltar a narrar as histórias para as crianças, e pensar o impacto que essa narrativa tem sobre a construção moral da criança campesina. O estudo dos textos de Walter Benjamin em suas considerações sobre o impacto da narrativa e as consequências de sua falta no desenvolvimento do indivíduo nos apresentam uma perspectiva a ser pensada.

“Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1987, p. 115). Quando ouve-se um professor experiente falar sobre as diferenças entre lecionar para os filhos de agricultores no passado e agora, sempre levanta-se a questão, ‘O que mudou?’ e por mais que se converse e pense sobre o assunto sempre torna-se complexo tal tema assim como

qualquer possibilidade de resolução. Baseando-se em Walter Benjamin e seus escritos sobre a narrativa buscar-se-á um esclarecimento.

A diferença entre as condições de estudo e ensino na infância interiorana de 40 anos passados e de agora 2014 são um tanto quanto latentes e não mais novidades, visto que tal assunto toma voz forte em encontros de professores. Nesse sentido pensa-se o que muda de fato nesse espaço de tempo. Baseando-se nos escritos Benjaminianos consideraria como sendo principal responsável para tal mudança: A Narrativa.

Quando pergunta-se a um ancião<sup>2</sup> como era seu dia-a-dia na infância, falará de todas as atividades desde o acordar com o café da manhã em família, o caminho à escola que geralmente vem acompanhada da narrativa do inverno rigoroso e da ausência de calçados para os pés que vão *quebrando a geada*<sup>3</sup>, a escola e como as professoras eram exigentes e lhe empreendiam sacrifícios físicos se não soubessem a lição<sup>4</sup>, a volta para o almoço em família, o trabalho árduo da tarde nas lavouras e as brincadeiras permeadas no meio do dia que aproveita todos os momentos possíveis para a descontração em meio aos animais e o peso das ferramentas na mão de criança<sup>5</sup>. O exercício da criatividade se fazia presente durante o dia pois era a única maneira de brincar na rotina de trabalho.

Após toda essa história contada o ancião respira fundo e começa a falar de sua noite onde todos se reuniam ao redor da fogueira feita no quintal da fazenda para ouvir os mais *velhos* contarem as suas histórias do dia e de como fora ser criança na sua distante infância. E junto dessas conversas nascem as histórias assustadoras e cheias de lições morais para a construção da identidade social da criança que ali escuta

---

<sup>2</sup> Durante a coleta de dados, as leituras e estudos para desenvolver tal escrito, conversei com alguns camponeses da antiga tradição, antepassados e amigos que me viram crescer e que hoje são anciões carregados de saberes e histórias para contar, e que sentem-se vivos novamente quando incitados a falar, a ensinar o que aprenderam com seus antepassados.

<sup>3</sup> O termo *Quebrando geada* é facilmente ouvido dos camponeses antigos (quando mencionado o termo antigo com relação à pessoa, estará sempre referindo-se à um camponês com mais de 50 anos) quando relatam sua experiência infantil de quando não era costume popularizado a utilização de calçados, e todos caminhavam descalços mesmo no inverno mais rigoroso.

<sup>4</sup> Os sacrifícios físicos variavam de puxões de orelha (por este eu mesmo já passei), ajoelhar-se em grãos de milho, à golpes com uma régua de madeira sobre as mãos.

<sup>5</sup> Normalmente quando o ancião é questionado sobre como eram suas brincadeiras narra um conjunto de experiências engraçadas e de interação com a natureza, mas sempre se menciona o trabalho presente no desenrolar dessa brincadeira, trabalhava-se brincando e segundo os antigos era isso que possibilitava à eles que conseguissem fazer todo o trabalho, pois seria escravizante encarar o trabalho apenas como trabalho.

atenta. O cerne moral e social de cada ancião do ano de 2014 foi forjado na contação de histórias nas antigas rodas de fogueira no final do dia.

Esse breve comentário resume a experiência das gerações passadas crescidas no interior da região sul do Brasil, a experiência o exemplo e a proximidade eram ponto fundamental na educação moral da criança campesina (entendendo moral como a formação das tendências comportamentais baseadas no costume ou aprendizado que vem de casa, familiar). E justamente isso é o que as crianças de 2014 perderam.

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. (BENJAMIN, 1987, p. 118)

A tradição evolucionista atual aplica o ideal de que precisa-se irromper barreiras que de fato não existem. Toda propaganda e informação que se encontra com enorme facilidade nas vitrines da sociedade apontam para a necessidade de agilizar as relações interpessoais, o crescimento da internet no meio rural coloca o pai campesino à competir com algo diferente daquilo que seu pai lhe ensinou. A informação, o excesso de informação faz imaginar que estar informado é estar à frente, contudo, informação sem sabedoria, sem experiência de saber fazer, de nada vale.

Tem-se hoje nas escolas crianças filhas de agricultores, descontentes com seu sinal de internet inferior ao urbano, e não raramente ouve-se a culpa recair sobre o pai, que sequer sabe como ligar o computador.

Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens; e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 1987)

O homem do campo não mais tem domínio das narrativas que almejam escutar os seus filhos, e dessa discrepância cria-se uma distância de dimensões entre pais e filhos. O agricultor não mais consegue conversar com seu filho ao final do dia para contar suas proezas e coragens, pois o filho está distante em um mundo literalmente virtual.

Faz-se preciso para resolver tal desconformidade com a tradicionalidade voltar à época das narrativas que tão providencial foi para a consolidação moral social do indivíduo que hoje figura a imagem do ancião sábio não mais buscado para ouvir. “E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das

histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1987, p. 198) Uma solução para o problema comportamental da criança filha de agricultores hoje está calcada no encorajamento da relação interpessoal das gerações através da narrativa.

Contar a história daquilo que um dia se foi. Essa frase que a muitos desperta desejo e inquietação de saber, hoje encontra barreiras na mentalidade atualizada <sup>6</sup>das crianças. O desenvolvimento da mídia a relação que o homem desenvolveu com a existência na corrida do trabalho, escola, faculdade, filhos, pais, círculo social, coloca essa pessoa sensível e terna num pilar de necessidades materiais calcadas na posse, no poder de pagar um profissional para resolver seus problemas. A sociedade atual não mais sabe resolver seus problemas, pois a cada um que se lhe aparece a primeira alternativa pensada é a busca de um profissional da solução. E disso resulta que estranhos estão criando os filhos que já não tem mais pais.

A jornada de vida do indivíduo hoje é complexa cheia de exigências na resolução de problemas que não são seus, do próprio indivíduo. E esse indivíduo deixa de reconhecer-se naquilo que realiza.

Para Paulo Freire, não basta ao homem reconhecer-se enquanto indivíduo pertencente a um determinado grupo social e, assim, ser um mero “herdeiro” das condições em que se encontra no mundo, sejam elas boas ou ruins. Para ele, o fundamental é que esse indivíduo se reconheça e se constitua como sujeito no mundo, corresponsável, portanto, pela construção das condições do mundo em que vive, e não um objeto, à mercê de situações que, sendo dadas ou herdadas, não podem ser modificadas. (Leira)

A criança tem necessidade de aprender, tem a vontade de construir saberes de fazer e ser imaginação e relaciona essa vontade à seus pais interagindo com eles no final do dia. Encontrar o pai feliz ou triste, casando ou disposto, à espera do filho ou não, tem grande significado na construção da personalidade da criança. Costuma-se pensar que nas épocas passadas existia pouca preocupação com o tratamento adequado da criança e um exagero na violência utilizada na educação do filho<sup>7</sup>, mas, esse filho sabe que da mão que vem a punição também recebe o afago na noite em

---

<sup>6</sup> Não é raro um antigo manifestar sua opinião amarga com relação à suposta mentalidade atualizada (termo por mim adaptado para me referir ao que chamam comumente de *ideia de hoje*).

<sup>7</sup> Em todos os casos em que conversei com pessoas de avançada idade, escutei uma resposta única, não havia revolta para com a violência sofrida, não havia sofrimento de verdade, havia gratidão nos olhos desses velhos, uma gratidão que diz, eu agradeço ao meu pai por ter apanhado dele, por causa dessa atitude eu me tornei o que sou, me tornei um homem bom.

frente ao fogo que aquece o alimento. A questão aqui não é tratar as condições de punição física, mas sim, considerar o que realmente nos importa agora, pensar que essa criança tem lembranças de quando sentado em frente ao fogo ouvia seu pai (considerando que há 40 anos passados a cultura era majoritariamente paternalista) contar histórias que retratava como ouvidas em sua infância e justamente isso dava à tal história um caráter ainda mais religioso e místico.

O momento da partilha de saberes era como um ritual que se repetia noite após noite, e que não havendo novas histórias as anteriores se repetiam, e a criança ao perceber que dá outra vez a mesma história havia sido contada diferente, percebe, apreende a essência desse ritual, a incorporação do eu na história de meu antepassado de minha gente<sup>8</sup>. Quando a criança com o passar dos dias percebe que uma mesma história é contada de formas diferentes mas sempre com ensinamentos novos e pertinentes, compreende que esse é seu pai falando pela voz da autoridade do legado de seu sobrenome, percebe então a criança que se seu pai também faz parte da história como construtor da história que conta, então ele (filho) também como criança é um construtor e contará sua história para seus filhos.

Nesse momento da construção da moral do costume da tradição na criança, ela tem a oportunidade de ouvir seu avô narrar. E então essa criança jovem ainda cujo único herói de sua vida é o pai (e a mãe, mas para fins de apreender-se à tradição paternalista do século passado nessa narrativa considera-se a figura paterna) ouve uma nova história contada pelas palavras cansadas, pausadas, sabias de um velho homem que parece ter a capacidade de fazer os olhos do pai dessa criança brilhar, lembrando de quando esse agora adulto e pai era criança e filho. E nesse momento a criança campesina percebe que faz parte de um legado, percebe que tem o dever de fazer os olhos de seu filho brilharem quando chegar sua vez de ser sábio, velho, pausado e construtor da moral de seu neto.

A transformação do mundo pela técnica realmente não era seu interesse maior, ainda que ele, já velho, tenha feito declarações surpreendentemente lúcidas sobre seu significado ilimitado. A maior utilidade do conhecimento da natureza definiu-se para ele na forma que

---

<sup>8</sup> As histórias que os antigos contam sempre carregam-se com modificações interessantes, à cada vez que a história é contada percebe-se que algumas partes dela mudaram, mas, é justamente nessas partes diferentes que para muitos seria a corrupção da história é que se encontra a parte mais rica dessa situação, e nesse momento que o filho agora pai, incorpora parte de si na história que vem de avô para neto, mas não inalterada, vem sim permeada de novos saberes envolvidos na mística da narrativa.

ela dá a uma vida. Este ponto de vista transformou-se num rigoroso pragmatismo: "Somente o que é fértil é verdadeiro." (Bolle, 1968)

Ao contrário dessa realidade que existiu há quarenta anos passados, hoje 2014 apresenta-se para as crianças uma realidade completa por si só, recheada de possibilidades, de belezas, de verdades, de realidade e existências, tendências e grandiosidades, mas, todas longe de serem tocadas pela mão que sente o calor da fogueira e do abraço do velho homem contador de histórias, longe de serem ouvidas entre o cricrilar dos barulhos noturnos, longe de serem *cheiradas no vapor quente do nó de pinho queimando*<sup>9</sup> (frase de ancião com quem conversava sobre meus estudos). A tecnologia avançada e atual, deixa de lado a maioria das capacidades sensitivas, para considerar a visão como fonte dos saberes reais.

Atualmente a criança viaja o mundo todas as noites por seu Facebook enquanto conversa com pessoas residentes à milhares de quilômetros de sua casa, pensando e ouvindo falar de uma realidade diferente, e para as crianças o que é diferente é interessante, é instigante, contudo o distanciamento das pessoas na sociedade atual resulta na incapacidade da criança perceber no outro que está próximo de si o novo o interessante o instigante.

...e as grandes tendências da evolução social são ainda as mesmas. Mas quanto mais duradouras permaneceram tanto mais caduco como experiência, ficou tudo o que era considerado como "verdadeiramente novo". A modernidade ficou menos igual a ela mesma; e a antiguidade, supostamente nela contida, apresenta na verdade o aspecto do caduco. "Reencontramos Herculano debaixo das cinzas; mas alguns anos cobriam os costumes de uma sociedade melhor que toda a poeira dos vulcões". (Benjamin, 2000)

A criança de hoje que vive a realidade do veloz, da internet, da globalização que falava-se há dez anos, hoje falar de globalização encontra-se como ultrapassado, por não mais limitar-se a pensar o globo mas através dos mecanismos tecnológicos de hoje poder-se observar as galáxias próximas na tela de um smartphone. A condição tecnológica aproxima os distantes e distancia os próximos, quando vale-se de um

---

<sup>9</sup> O famoso *Nó de Pinho* é uma parte do pinheiro araucária encontrada exatamente onde do tronco nasce cada galho, então quando o pinheiro que cai e é deixado apodrecer, depois de muitos anos, após toda a madeira estar decomposta os nós ainda estão lá em meio ao adubo que sobra, essa madeira em formato de gota d'água é extremamente dura e chamada pelos antigos de *uma espécie de combustível mineral*, capaz de queimar durante horas preservando sua brasa por muito mais tempo que qualquer outra madeira.

mecanismo de comunicação virtual para chamar o filho que está no quarto na hora do jantar, reunir-se em volta da mesa já não mais é uma tradição<sup>10</sup>.

Na escola encontramos ainda alguns resquícios da tradição antiga em algumas crianças campesinas que por carregarem essa bagagem cultural riquíssima de tradições, veem-se afastadas da relação de seus colegas, pois carregam em si o diferente. Algumas vezes incompreendem a utilização das tecnologias informatizadas, mas dominam a criatividade.

Se todas as coisas tendem a se transformar em mercadorias, se a própria força humana de trabalho (a criatividade dos homens!) é vendida por um salário, onde podem ser enxergados os sujeitos humanos, aqueles que transformam o mundo e se transformam a si mesmos? (Konder, 2003)

Inevitavelmente o homem existe na relação de poder onde vende a si mesmo para comprar o outro. Vende a produção de sua criatividade para comprar a criatividade alheia. Dentro da escola não é diferente, se na antiguidade os filhos apreendiam nos pais a tradição de saberes e códigos de respeito e valores, hoje o filhos continuam apreendendo nos pais seus exemplos, de busca pelo poder de comprar o fruto de seu desejo. E essa discrepância de desejos coloca a criança a pensar que seu objetivo é construir uma relação de poder capaz de colocá-lo à par da evolução futurista que descredita o passado a suas tradições.

A criança em sala de aula hoje tende a encontrar uma realidade diferente daquela que está acostumado e por muitas vezes a impressão encontrada é de um lugar pobre em tecnologias ou saberes pois não acompanha a vivência da criança. Quando o educando entra em sala de aula está deixando para trás uma realidade complexa de correlações internacionais de tecnologias que o colocam em comunicação com acontecimentos distantes e interessantes, ao contrário dos velhos livros que precisa estudar nas quatro horas diárias de escola.

O resultado dessa frustração vivenciada pelo aluno é a manifestação contrária de seu aprendizado, a persistente interrupção dos conteúdos, a conversa, o celular que insiste em tocar. Hoje o professor está prestes a perder seu aluno e na maioria dos casos não sabe como reverter a situação.

---

<sup>10</sup>É difícil competir com as maravilhas apresentadas pela televisão, e a maioria das famílias perdeu a companhia dos filhos durante as refeições. Eu esbravejei quando criança por não poder alimentar-me sentado no sofá enquanto assistia hipnotizado à algum programa qualquer, mas, hoje também eu posso dizer como aqueles antigos antes citados, meu pai estava certo ao prender-me próximo à ele, pois isso me tornou o homem que sou.

Walter Benjamin dá uma alternativa interessante, a volta à narrativa, voltar a ser aquilo que os antigos foram, voltar a ser exemplos de vida contando esses exemplos em narrativas que colocam o sol para dormir ao final do dia.

Ao contrário da experiência comunicada através da narração, cujo efeito pode se renovar em contatos repetidos, a informação "só tem valor no momento em que é nova". Além disso, a informação precisa ter plausibilidade, de modo que a sua dinâmica exige que sejam afastadas as imagens mais sumidamente fantasiosas, que faziam parte da narração. (Konder, 1999)

A simples informação que estamos oferecendo às nossas crianças não é suficiente para que elas tenham a compreensão e construção da identidade moral e social que julgamos ter conseguido construir adequadamente em nós mesmos, professores. A sugestão é pensar a possibilidade de oferecer à criança a volta do narrador, a contação de histórias que perpassa gerações de patriarca à patriarca construindo uma relação de proximidade com sua essência na história. Faz-se preciso pensar a existência presente como fruto de um ontem, eu sou o futuro de ontem, e como parte desse ontem devo pensar meu agora, mas, não como partes separadas, e sim como uma história viva que se recria e interage com as outras histórias, uma relação de proximidade e interconexão.

## CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho apresenta-se como um suspiro no sentido de entender e propor questionamentos para o problema comportamental da criança campesina que convive com a urbana na escola regular. Tal problema é enfrentado pelos professores dia após dia, e apesar de não atuar na escola rural convive com o problema campesino que deve ser entendido como um problema social. Numa sociedade tão preocupada com o sistema de cotas e compensação de erros passados, faz-se necessário também pensar a relação que estes alunos rurais *infiltrados*<sup>11</sup> na escola regular enfrentam em seu dia.

É preciso encontrar problemas e encorajar soluções que ofereçam à sociedade futura uma luz, uma ponte entre a tradição literária romântica e a original contada na fogueira do final do dia. O ideal criativo e construtivo que propõem à sociedade

---

<sup>11</sup> Tal palavra parece um tanto forte, mas, lembro-me exatamente que criança fui obrigado a deixar o campo para estudar numa escola urbana contra minha vontade, e senti o preconceito satirizado do jeca-tatu corroer a inocência de criança campesina.

evolução e resolução de seus percalços está junto da vontade de construir e da possibilidade de livre criação, querer resolver e ser capaz de pensar algo novo, inconformado com a mesmice da repetição do já pensado. É preciso fazer diferente, pois os novos problemas não estão presos às soluções do passado.

## REFERÊNCIAS

- BEISIEGEL, C. D. R. **Paulo Freire**. Recife: Massangana, 2010.
- BENJAMIN WALTER **A modernidade e os Modernos** [Livro]. - Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2000.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política**. São Paulo-SP: Brasiliense S.A., 1987.
- BOLLE WILLI **WALTER BENJAMIN Documentos de Cultura Documentos de Barbarie** [Livro]. - São Paulo : Cultrix, 1968.
- BUEK-MORSS, S. **Dialéctica de la mirada, Walter Benjamin y el proyeero de los Pasajes**. Madrid: Gráficas Rógar S.A., 1995.
- GAGNEBLN, J. M. **História e Narração em Walter Benjamin**. 2ª. ed. São Paulo - SP: Perspectiva, 1999.
- Konder Leandro **Benjamin e o marxismo** [Online] // Scielo brasil. - 2003. - 25 de Março de 2014. - [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2003000200002&script=sci\\_arttext&tIng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2003000200002&script=sci_arttext&tIng=pt).
- Konder Leandro **Walter Benjamin O marxismo da melancolia** [Livro]. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1999.
- Leira Eliana M. Virgili Filgueiras **Linguagem, cultura e identidade: uma leitura intertextual de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin** [Online] // Portal Mackenzie. - 25 de Março de 2014. - [http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume\\_5/linguagem\\_cultura\\_e\\_identidade.pdf](http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_5/linguagem_cultura_e_identidade.pdf).
- MARX, K. **Os Pensadores**. São Paulo - SP: Nova Cultural Ltda, 2005.